

Resenha: *Sounding/Silence: Martin Heidegger at the Limits of Poetics*, de David Nowell Smith

Smith, D. N. (2013). *Sounding/Silence: Martin Heidegger at the Limits of Poetics*. Fordham University Press.

Júlia Garcia Tronco

Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

E-mail: juliatronco@hotmail.com

Róbson Ramos dos Reis (orientador)

Professor titular no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

E-mail: robsonramosdosreis@gmail.com

Em *Sounding/Silence: Martin Heidegger at the Limits of Poetics*, David Nowell Smith apresenta uma obra densa, complexa e original, que tem por objetivo central colocar em evidência a importância do engajamento de Martin Heidegger com a poética. O livro conta com quatro longos capítulos, detalhados e fluidos, nos quais Smith perpassa diversos caminhos, desde a materialidade presente na obra de arte, a sonoridade da poesia e o conceito de linguagem – dando atenção aos elementos paralinguísticos e ao aspecto corporal da linguagem –, até a análise das leituras de obras poéticas feitas pelo filósofo alemão.

Ao longo do livro, o autor ressalta a relação dual e conflitante de Heidegger com a poesia. De um lado, reside sua crítica ao estudo da poética e à maneira como a crítica literária se relaciona com a poesia e com a forma poética, maneira esta que muitas vezes encobre o que realmente está em jogo em um poema, sua possibilidade de abertura e o próprio soar, a sonoridade do poema, como capaz de abertura. De outro lado, Heidegger reconhece na poesia como *Dichtung* – e não mera *Poesie* – uma capacidade de proporcionar um desvelamento aos entes, possibilitando que estes se abram emergidos no que chama de *presença*. Desse modo, Heidegger se ocupará do elemento *Dichtung*, deixando de lado a poesia como um mero formalismo.

Smith proporciona uma nova abordagem no estudo da relação entre o pensamento filosófico de Heidegger e a poesia, além de uma reavaliação de certas

interpretações referentes a esse tópico. O autor parte do princípio de que os escritos heideggerianos da chamada “virada” (*Kehre*), posteriores a 1930, não significam uma ruptura do pensamento do filósofo, mas uma continuidade. Ressalta também que não pretende fazer uma reconstrução detalhada das concepções de Heidegger acerca da poesia, e sim examiná-las de forma ampla, com foco dirigido ao significado da poética no contexto de uma abordagem ontológica da arte e da poesia.

Smith reconhece que os escritos de Heidegger sobre a poesia envolvem um compromisso com a poética e, embora a poesia possua uma estrutura básica formada por rimas, métricas e forma, o que Heidegger procura não é o tratamento de sua definição formal ou material, mas o “falar da linguagem” (*speaking of language*). Essa busca irá acompanhar o caminho do filósofo para além dos limites da poética. Smith sublinha que uma das intenções das leituras de poesia feitas por Heidegger tem o objetivo de permitir que a poesia encontre seu lugar e, assim, torne o “falar da linguagem” audível. Para tanto, é imprescindível que a poética encontre seus limites e não seja reduzida apenas à literatura ou a suas características formais. Para o autor, um grande intento de Heidegger é repensar e reavaliar a poética como um todo, e isso significa não rejeitar a formalidade dos poemas, mas repensar a forma, a beleza, o ritmo e a metáfora. Outro ponto importante levantado por Smith é a insistência de Heidegger em considerar a poesia como *Dichtung*, capaz de possibilitar uma abertura de significação, ou seja, ela tem o poder de estabelecer um mundo.

Intitulado “For the First Time”, o capítulo inicial do livro parte de uma análise da noção de “primeiridade” (*firstness*), que aparece na obra do filósofo em meados da década de 1930. O capítulo apresenta as leituras feitas por Heidegger dos poemas “Germanien” e “Der Rhein”, de Friedrich Hölderlin, enfatizando o modo como o filósofo reconhece que o poema “Germanien” possui uma forma estranha e difícil, na qual a métrica não acompanha os modelos convencionais. Smith ressalta que Heidegger aponta que a palavra “Denn”, presente no poema, soa de forma não convencional, como se fosse dita pela primeira vez, o que garante que o poema soe mais poético que qualquer outro. Segundo o autor, “Heidegger argumenta que o que torna a palavra *Denn* poética é precisamente sua qualidade prosaica, sua dissonância” (Smith, 2013, p. 19). Heidegger assume que o poema traz a palavra *Denn* ao som, ou seja, a partir da dissonância do poema e de sua forma não convencional, é possível ouvir o falar da linguagem, ouvir a linguagem como se fosse falada pela primeira vez, e isso contribui para a noção heideggeriana de *Dichtung*.

Smith também analisa a obra de Heidegger *A origem da obra de arte*, enfocando a distinção entre *Dichtung*, essência da grande arte, e *Poesie*, um aparato linguístico formalizado e de sentido limitado. O autor relaciona essa distinção com a noção de “primeiridade”, de modo que a obra de arte, a grande obra, seja capaz de trazer à tona aspectos da realidade como que postos pela primeira vez. Como exemplo, refere-se à célebre passagem sobre o templo de Paestum. Essa maneira de a arte trazer à tona as coisas pela primeira vez estaria estritamente relacionada à abertura de mundo: “a obra projeta uma região de abertura na qual os entes entram em desvelamento (*aletheia*) de uma maneira singular, aparecendo como se fosse pela primeira vez” (Smith, 2013, p. 20). A arte se torna, portanto, um âmbito no qual a abertura se torna audível.

O autor apresenta ainda uma análise do *locus* da crítica heideggeriana à estética, e como tal crítica se relaciona às concepções de Heidegger acerca da obra de arte na poética. Smith igualmente percorre os temas do ritmo e da forma (*Gestalt*), tanto em *A origem da obra de arte* como nos escritos posteriores, reconhecendo que Heidegger faz uma reavaliação dessas noções tendo como norte sua crítica à estética.

O segundo capítulo, “The Naming Power of the Word”, discorre acerca da linguagem e, especialmente, do conceito de *terra*. Um ponto importante examinado pelo autor centra-se no problema da articulação corporal da linguagem, e tal noção remonta à reavaliação feita por Heidegger dos aspectos paralinguísticos da linguagem, mais precisamente dos gestos e da entonação vocal. Para o filósofo alemão, tais aspectos são centrais para a condução dos entes à presença. Smith apresenta uma passagem da obra *Caminhos da floresta* (1950) na qual Heidegger sustenta ser necessário dispor de um conceito correto de linguagem para alcançar o poder nomeador da palavra. Porém, esse conceito possui dois aspectos. De um lado, a linguagem verbal não é apenas uma forma de expressão que dá sentido ao mundo através da palavra falada, mas possui aspectos que vão além da fala. Tais aspectos são usualmente reconhecidos como “paralinguísticos” e possuem tanto significado quanto a fala, de modo que muitas vezes complementam a significatividade de qualquer dizer, mesmo que não possuam um significado formal ou determinado. De outro lado, a linguagem é o que Heidegger chama de dizer projetivo, ou seja, ela é capaz de proporcionar abertura de mundo nos termos da primeiridade, ou seja, de trazer à tona algo como se fosse dito pela primeira vez. Ainda nesse capítulo, Smith examina as exigências e particularidades que um conceito correto de linguagem deve abranger.

No capítulo seguinte, “Heidegger’s Figures”, o autor de *Sounding/Silence: Martin Heidegger at the Limits of Poetics* se debruça principalmente na recusa da metáfora: Heidegger faz convergir sua crítica à metafísica na medida em que considera a metáfora como pertencente ao dizer da metafísica. Porém, Smith ressalta que reduzir a crítica heideggeriana à metáfora aos termos da metafísica apenas contribui para que se obstrua a riqueza de nuances contida nessa crítica. O autor ressalta que a recusa da metáfora também se dá na medida em que Heidegger insiste em reconhecer a linguagem como uma articulação corporal – as críticas dirigidas à linguagem metafórica surgem como digressões acerca da determinação fisiológica do corpo. Assim, essa estranha conexão entre metáfora e determinação fisiológica se dá porque a metáfora está acoplada ao dualismo sensível e não-sensível: o conteúdo não-sensível permanece estável nas manifestações sensíveis e, do mesmo modo, a compreensão fisiológica do corpo se mantém estável diante de mudanças corporais. Nesse sentido, segundo Smith, a metáfora distancia o ouvir e o dizer – dimensão corporal – das coisas do mundo.

Em “Reading Heidegger Reading”, Smith embarca na análise das leituras feitas por Heidegger de alguns poemas de Hölderlin, no intuito de compreender como essas leituras se tornaram tão importantes para as concepções do filósofo e qual o lugar desempenhado por elas em tais concepções – isso sem deixar de registrar o quanto essas leituras foram criticadas. A proposta de Smith é fazer uma análise das leituras heideggerianas, marcando os pontos de transição entre o poema e a preservação da obra, que remete ao modo como conservamos e nos relacionamos com a obra, o que possibilita a abertura dos entes. O autor enfatiza o modo como, ao ler um poema, Heidegger preserva o espaço de silêncio no qual a poesia chega a falar. Essa preservação demanda que exista um envolvimento com a poesia, assim como um deixar que a poesia nos envolva. A partir disso, Smith conclui que as leituras de Heidegger não são meras exegeses dos textos poéticos, mas envolvem deixar o som do poema vir à tona, preservando assim a obra de modo que a abertura seja possível.

O autor sustenta que tal noção de preservação, situada em *A origem da obra de arte*, faz parte de um pensamento de arrebatamento que remete a *Ser e tempo*. Em suma, a poesia se torna crucial na filosofia de Heidegger porque está inserida tanto na linguagem como no pensamento. Smith refere-se a uma relação entre *Dichten* (poesia/poetar) e *Denken* (pensar), destacando quanto essa relação é conflitante, já que deixa aberta a questão de como a poesia pode afetar o pensamento e, ao mesmo tempo, ser definida e teorizada por ele. O capítulo, portanto, abrange tanto o modo como as

leituras de Heidegger de alguma forma se tornam “preservações” como os momentos em que *Dichten* e *Denken* se movimentam nessas leituras.

Smith chega ao fim de seu livro com a consideração final “A Poetics of Limit?”, na qual retoma os principais argumentos apresentados no livro, buscando, assim, apreender o modo como sua leitura percorre um fio temático na obra de Heidegger e tenta ultrapassá-lo, do mesmo modo como Heidegger ia além dos limites possíveis da poética a fim de descobrir seu lugar e tornar audíveis as possibilidades de abertura contidas na arte. Smith ressalta, naturalmente, que o intento heideggeriano de fazer uma reavaliação da beleza, da rima, da métrica e da forma nunca se desvincula de uma reivindicação à verdade – concebida aqui como *aletheia*, como possibilidade de abertura dos entes. Com o exímio domínio de textos e temas reconhecidamente difíceis, o autor de *Sounding/Silence: Martin Heidegger at the Limits of Poetics* lega uma gama significativa de percursos entre os escritos tardios de Heidegger, reunidos sob o horizonte da poesia, da arte e da linguagem, culminando, por fim, na poética. É uma obra importante para o esforço de compreender temas críticos e altamente fecundos na unidade da obra de Heidegger.